

Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia

Samara Megume Rodrigues

Samara Megume Rodrigues é psicanalista, membro fundadora da *Associação Roda de Psicanálise: Teoria, Clínica e Cultura*, mestre em Psicologia (PPI-UEM).

Resumo O trabalho investiga a relação entre ironia e neurose obsessiva, realizando uma revisão da teoria freudiana sobre esses temas e destacando vários pontos de consonância entre eles. A ironia é uma forma paradoxal e socialmente aceita de dar passagem aos desejos sexuais e agressivos, podendo ser uma figura de linguagem privilegiada para o manejo clínico da dita “doença do tabu”.

Palavras-chave ironia; neurose obsessiva; agressividade; riso; humor.

DOI: 10.70048/percurso.72.49-60

*Anti-Nazi
A limpeza
pode ser
pior que a porcaria
A ordem
pode ser
a maior
desordem*
[Adília Lopes]

A formação reativa é um mecanismo de defesa que transforma impulsos em seu avesso, de modo que a atração por algo se torna repulsa, e a imoralidade, excesso de moralismo. São contraforças (contrainvestimentos) de elementos conscientes de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente. Trata-se, portanto, de um mecanismo psíquico presente em várias estruturas clínicas, mas é na neurose obsessiva que ele constitui verdadeiros traços de caráter. Assim, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada no discurso obsessivo, pois, como apontado por Freud¹, sua técnica de construção é a reversão ao contrário.

Ironia é uma expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer, tem uso paradoxal e pode ser utilizada pelo sujeito, tanto para afirmação do seu desejo, quanto para esquivar-se do confronto contra ele. A sua compreensão pode ser um recurso bastante potente na escuta e intervenção clínica quando em consonância com a dinâmica obsessiva.

A ironia é uma forma esquiva e mordaz de dar abertura aos desejos, principalmente aos sexuais e agressivos. É uma forma lógica de

¹ S. Freud, “O chiste e sua relação com o inconsciente”, in *Obras completas*, vol. VII.



algo é considerado sujo quando está fora da ordenação estabelecida. Um sapato colocado em cima de uma mesa de jantar gera a sensação de poluição, mesmo que se trate de um objeto nunca usado

subverter a norma e, por isso, muitas vezes, é um instrumento crítico de atravessamento das barreiras morais. Pela ironia, é possível “transgredir dentro da lei”. Afinal, é uma brincadeira consentida socialmente. A ironia opera com os paradoxos e as contradições: por exemplo, pode-se falar do limpo com o propósito de desvelar o sujo; do bem, para afirmar o mal. Dessa maneira, ela desfaz a linearidade do pensamento, produzindo furros em verdades totalizadoras.

Douglas² analisa os rituais de poluição em vários povos e culturas, revelando que os conceitos de pureza e sujeira (e do perigo ligado a ela) são empregados como analogia para a expressão de uma visão de ordem social: “Como se sabe, a sujeira é, essencialmente, desordem.”³

Algo é considerado sujo quando está fora da ordenação estabelecida. Um sapato colocado em cima de uma mesa de jantar gera a sensação de poluição, mesmo que se trate de um objeto nunca usado. Em várias culturas, o evitar a sujeira está intimamente ligado a fazer da experiência uma unidade: “É somente exagerando a diferença entre o dentro e o fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado”⁴. A autora conclui que a ideia de sujeira envolve uma reflexão sobre ordem e desordem, ser e não ser, forma e não forma, vida e morte. Esses temas estão no centro da problemática obsessiva.

A palavra ordem compõe a fenomenologia da neurose obsessiva, pois significa tanto a disposição de coisas seguindo categorias, separações e classificações, quanto *mandato*, a ação de impor o cumprimento de algo. O obsessivo é um perseguidor da ordem e é atormentado por ela.

A neurose se caracteriza como uma montagem de defesas ante a castração (as várias dimensões da falta). Trata-se da busca por uma unidade do Eu. Enquanto a histérica demanda ser tudo para o outro e, por isso, espera receber (ou queixa-se por não receber) dele a resposta sobre seu Eu, a lógica obsessiva está em manter uma ilusória consistência, o que faz o obsessivo estar constantemente ameaçado. A histérica se faz “toda entrega”; o obsessivo retém. Ao invés de uma fala livre, nele tem-se uma fala temerosa, uma retórica anal de reatividade e supermoralidade.

Freud⁵ escreve que a neurose obsessiva é “uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular”, que é sustentada pela crença de ter sido (e poder ser novamente) o objeto de satisfação do desejo materno. Diferentemente do discurso histérico, em que se ouve constantemente a dor de não ser e não poder ter (posses, poder, beleza); escuta-se na fala do obsessivo um sujeito que se vê como alguém que foi privilegiado em seu investimento fálico. Um está convicto (ou tenta se convencer) de que é a vítima; o outro sofre as penalidades de ser o possível algoz.

A ordem que o obsessivo tenta manter tem uma orientação espacial: vertical. Busca conservar as hierarquias, obedece a tudo, mas para que ele mesmo se mantenha acima, em um altar, como um santo, que afasta de si todo o mal que o constitui. Quanto mais alta/idealizada a imagem de si mesmo, maior o temor da *queda*.

A fantasia inconsciente que ancora seus sintomas é a da *humilhação*. Palavra que vem do latim *humus*⁶ – que significa “terra, solo” – e carrega as noções de inferioridade, rebaixamento e degradação. Assim como a palavra *humilde*, cuja raiz etimológica está em *humilis*, que significa colocar para baixo. Esse campo semântico com noções

espaciais está presente na fala cotidiana, por exemplo: arrogante é aquele que tem “nariz empinado”; contrariamente, aquele que passou por situações humilhantes, “ficou por baixo”, “no chão”.

Curiosamente, a palavra *recalcamento* traz em sua etimologia essa mesma orientação espacial. Ela advém do verbo latino *calcāre* [calcar]⁷, que significa “pisar com os pés”: calcando o solo, coloca-se terra por cima. Nesse sentido, culturalmente, aquilo que está ligado à terra, ao baixo-ventre, associa-se aos impulsos e, por isso, é considerado feio e sujo. Logo, deve ser coberto/recalcado.

Só é possível rir quando se deixa cair do alto, da onipotência. Ir ao chão por um tropeço gera gargalhadas em alguns; em outros, vergonha e humilhação. Essa é uma das grandes dificuldades no manejo clínico dos casos de neurose obsessiva, pois o temor é justamente da queda. Tudo é levado a sério demais, existe um apego ao significado exato das palavras, não existe flexibilidade nos investimentos afetivos e há uma fixação em verdades absolutas.

O obsessivo não pode rir, porque o riso ameaça todas as autoridades. Nessa dinâmica psíquica, a ironia parece ser uma figura bastante interessante para dar passagem ao desejo, porque gera mais sorriso do que riso e, diferentemente de outras modalidades de cômico, não é um mecanismo de descarga de afetos, mas de transformação.

Juntamente com o eufemismo e a elipse⁸, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada por esse “dialeto neurótico”, podendo cumprir um papel bastante potente no tratamento dos casos de neurose obsessiva, visto que é uma formação linguageira que, utilizando mecanismos

»
juntamente com o eufemismo e a elipse, a ironia pode ser uma figura de linguagem privilegiada por esse “dialeto neurótico”, podendo cumprir um papel bastante potente no tratamento dos casos de neurose obsessiva

de disfarce do desejo, cria uma via de satisfação dos impulsos hostis e sádicos do sujeito, podendo driblar, ou ainda, desmontar o arsenal bélico do supereu, afirmando o erotismo do sujeito e retirando-o da posição passiva de objeto do Outro. Ao longo deste trabalho, essa hipótese será investigada a partir de considerações sobre algumas relações estabelecidas entre neurose obsessiva e ironia.

Um grande homem ou um grande criminoso

O caso clínico “Homem dos Ratos” de Freud⁹ é paradigmático para a compreensão e o tratamento da neurose obsessiva. Ademais, reúne ideias já trabalhadas por Freud e retoma premissas teóricas sobre o erotismo anal e a ambivalência afetiva.

Em uma das passagens do caso, Ernest traz a seguinte lembrança de infância: muito pequeno, no momento da morte de sua irmã, ele cometeu um ato grave pelo qual seu pai lhe bateu. Em resposta, ficou furioso e soltou injúrias contra o pai. Por não conhecer nenhum xingamento, atirou-lhe todos os nomes de objetos que passavam por sua mente: “Sua lâmpada! Sua toalha! Seu prato! E assim por diante. Seu pai, abalado com tal explosão de fúria natural, parou de lhe bater, e exclamara ‘O menino ou vai ser um grande

2 M. Douglas, *Pureza e perigo*.

3 M. Douglas, *op. cit.*, p. 12.

4 M. Douglas, *op. cit.*, p. 15.

5 S. Freud, “Atos obsessivos e práticas religiosas”, in *Obras completas*, vol. VIII, p. 111.

6 A.G. Cunha, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 342.

7 A.G. Cunha, *op. cit.*, p. 143.

8 S. Freud, “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.

9 S. Freud, *op. cit.*



*o obsessivo tem a crença
em um poder mágico,
tanto de amaldiçoar, quanto
de se proteger contra maldições.
As palavras são tratadas como
coisas, levando o sujeito a perseguir
o seu “significado literal”,
ou “significado exato”*

homem, ou um grande criminoso”¹⁰. Esse ex-certo é particularmente rico por trazer elementos fundamentais da neurose obsessiva, como a onipotência do pensamento e a impossibilidade de expressão do ódio¹¹.

O obsessivo tem a crença em um poder mágico, tanto de amaldiçoar, quanto de se proteger contra maldições. As palavras são tratadas como coisas, levando o sujeito a perseguir o seu “significado literal”, ou “significado exato”, testando de maneira torturante as mais variadas interpretações. Ernest toma a frase de seu pai como uma espécie de profecia. Ele será grande e, logo, serão grandiosos todos os seus pensamentos e afetos. Para Freud¹², o ódio de Ernest tinha o enorme poder de criar uma realidade psíquica aprisionadora, cheia de impedimentos e obsessões.

Diante da grandeza dos próprios sentimentos e pensamentos, o obsessivo fica paralisado, pois para ele torna-se impossível vivenciar os impulsos agressivos e a ambivalência. Nesse sentido, a ironia, com seu caráter paradoxal e destrutivo/agressivo, seria uma resposta criativa a esse conflito?

Ernest chega ao consultório de Freud tomado pela ideia obsessiva de que algo terrível aconteceria a seu pai e à sua amada dama, o que fez com que ele se impusesse vários interditos, inibições e sintomas. Esse terror começou quando ele se viu diante de uma dívida que não podia

pagar, pois durante as suas atividades no exército, ele perdeu os óculos e encomendou novos pelo correio; quando os recebeu, soube que alguém já havia pagado a taxa de envio. Ao relatar a passagem de instalação dessa “dívida”, Freud¹³ faz uma curiosa indicação – que não desenvolve – sobre a ironia que, ao contrário da zombaria, não estaria sujeita às forças compulsivas atuantes na neurose. Veja-se a passagem:

[...] quando o capitão lhe entrega o pacote pelo qual as taxas eram devidas, pedindo para reembolsar os 3,80 *kronen* ao Tenente A., ele já se fizera ciente de que seu “cruel superior” estava equivocado, e de que a única pessoa a quem devia algo era à jovem dama da agência postal. Por conseguinte, podia facilmente lhe haver ocorrido pensar em alguma resposta irônica, tal como “Você acha mesmo que eu vou pagar?” ou “Pago coisa nenhuma!”, ou então “Claro! Pode deixar que eu vou pagar a ele!” – respostas que não estariam sujeitas a nenhuma força compulsiva. Contudo, em vez disso, nascida das agitações de seu complexo paterno e de sua lembrança da cena oriunda da infância, formou-se em sua mente uma resposta parecida com “Está bem. Reembolsarei o dinheiro ao Tenente A. quando meu pai e a dama tiverem filhos!” ou “Tão certo quanto meu pai e a dama possam ter filhos, eu lhe pagarei!”. Em suma, uma afirmação ridícula ligada a uma absurda condição que jamais se satisfaria.¹⁴

Nessa passagem, Freud ainda escreve uma nota de rodapé, afirmando que o absurdo significa “zombaria na linguagem do pensamento obsessivo”, tal como ocorre nos sonhos. O pensamento absurdo de Ernest foi uma maneira de zombar das pessoas amadas:

Agora, porém, o crime fora cometido; ele insultara as duas pessoas que lhe eram mais caras: seu pai e a dama. Esse feito clamava por punição, e a pena consistia em ele se comprometer com um juramento que lhe fosse impossível cumprir e que impunha total obediência à injustificada exigência de seu superior. O juramento era o seguinte: *Agora você deverá realmente reembolsar o dinheiro a A.*¹⁵

Essa passagem faz compreender que a zombaria seria uma manifestação de impulsos hostis presentes no inconsciente, como uma agressão direta aos objetos de amor/ódio. Freud sinaliza que, se Ernest conseguisse utilizar a ironia, poderia não ter criado a “solução obsessiva” diante da dívida que precipitou seu adoecimento. Ou seja, a ironia satisfaria esses impulsos e não estaria “sujeita às forças compulsivas”.

O escárnio e a zombaria são manifestações de hostilidade menos sofisticadas que a ironia. A resposta irônica “Claro! Pode deixar que eu vou pagar a ele!” marcaria uma posição desejante do sujeito, à medida que o retiraria da passividade diante do desejo do Outro; ao mesmo tempo, seria uma agressão à autoridade do capitão, desfazendo a hierarquia. É possível pensar que a ironia, diferente da zombaria/escárnio, possibilitaria uma elaboração da ambivalência/ódio?

Gay¹⁶ relata que Freud, ao ser detido pela Gestapo, foi liberado com a condição de que assinasse um documento atestando que não sofrera maus-tratos. Tomado pela encruzilhada, Freud concorda; mas acrescenta de próprio punho uma frase no documento: “posso recomendar altamente a Gestapo a todos”¹⁷. Freud utiliza a ironia como uma estratégia discursiva disruptiva, que mantém sua vivacidade e reafirma sua posição de sujeito desejante. Por meio dela, ele se nega à submissão diante do totalitarismo.

O cômico e o humor não são uma referência necessária para pensarmos a ironia, visto que ela possui certa autonomia em relação ao campo do risível, por ser uma figura polissêmica amplamente pesquisada dentro da retórica e do romantismo. Existe uma multiplicidade de abordagens

»
o cômico e o humor
não são uma referência
necessária para pensarmos
a ironia, visto que ela possui
certa autonomia em relação
ao campo do risível, por ser
uma figura polissêmica
amplamente pesquisada
dentro da retórica

sobre a noção de ironia, o que dificulta a sua diferenciação em relação a outras figuras, como o sarcasmo, cinismo e escárnio. Por essa razão, um recorte arbitrário em relação a ela será feito, tomando-a apenas dentro da acepção freudiana.

Freud trabalha a noção de ironia de forma direta e indireta (via exemplos) em apenas dois trabalhos em toda a sua obra, são eles: *O chiste e sua relação com o inconsciente* e o ensaio *O humor*. Nessas obras, há apenas um exemplo de piada que se repete nos dois textos e, curiosamente, trata-se de um chiste irônico: Um criminoso é mandado à força na segunda-feira e exclama: “veja só, a semana começa bem”¹⁸. No trabalho sobre o chiste, a piada ainda tem uma continuação: no caminho para a sua execução, o bandido pede um cachecol para cobrir o pescoço, a fim de evitar pegar um resfriado¹⁹.

A passagem da vida de Freud relatada por Gay²⁰ e a piada do criminoso na obra de Freud são dois exemplos em que a ironia se aproxima do caráter trágico do humor. Esse não é o único uso da ironia, que desliza do trágico ao derrisório da zombaria e pode ser usada tanto para a afirmação do desejo, sendo um processo de simbolização da castração, quanto para manter o ressentimento e encobrir as próprias falhas, faltas, frustrações.

Trata-se da diferença entre ironizar o outro e ironizar a si mesmo ou as próprias situações

10 S. Freud, “Notas...”, p. 179-180.

11 S. Freud, *op. cit.*, p. 180.

12 S. Freud, *op. cit.*

13 S. Freud, *op. cit.*

14 S. Freud, *op. cit.*, p. 189.

15 S. Freud, *op. cit.*, p. 189-190.

16 P.F. Gay, *Uma vida para nosso tempo*.

17 P.F. Gay, *op. cit.*, p. 567.

18 S. Freud, “O humor”, in *Arte, literatura e os artistas*, p. 273.

19 S. Freud, “O chiste...”, p. 331.

20 P.F. Gay, *op. cit.*



*por que a neurose
obsessiva seria uma estrutura
clínica em consonância com
a ironia? Uma breve revisão
da neurose obsessiva
em Freud será apresentada,
a partir do recorte
de alguns dos seus
pontos fundamentais*

da vida. Ou ainda: ironizar um outro que já está violentado/oprimido socialmente; e ironizar um tirano. São usos diferentes do mesmo recurso. Quando se ironiza um outro que já não se encontra em uma posição de autoridade, mantém-se a ilusão da própria superioridade; contrariamente, a ironia pode ser usada precisamente para desinflar as idealizações do sujeito (de si e do outro), afirmando a potência do sujeito e, paradoxalmente, diminuindo a sua prepotência.

Nesse último uso, ela subverte deveres e demandas, desfazendo as hierarquias e a ordenação vertical nas relações. O sujeito sai da posição de “grande homem ou grande criminoso”, e as tragédias e dramas transformam-se em algo pequeno e risível. Como se o sujeito dissesse a si mesmo: “Veja aqui, este é o mundo, que parece tão perigoso. Uma brincadeira de criança, bem interessante, para se fazer uma piada a respeito”²¹.

A doença do tabu

Por que a neurose obsessiva seria uma estrutura clínica em consonância com a ironia? Uma breve revisão da neurose obsessiva em Freud será apresentada, a partir do recorte de alguns dos seus pontos fundamentais para a articulação com a ironia, que passam pelas experiências sexuais

infantis, o papel da analidade e a problemática relação com as demandas.

A primeira investigação teórica de Freud sobre a neurose obsessiva está no artigo “As neурopsicoses de defesa”. Nesse trabalho, ele delimita dois grupos distintos: a neurastenia e a psiconeurose. Esta compreende a histeria e a neurose obsessiva, e Freud as coloca no mesmo grupo, pois percebe que possuem algo em comum: são respostas a experiências sexuais traumáticas vividas na infância, que foram afastadas da consciência.

A diferença entre elas estaria no destino dado à lembrança. Na histeria, a soma de excitação da representação psíquica da experiência é convertida num processo somático, afetando o corpo. Na neurose obsessiva, a representação persiste na consciência, mas é desvinculada da carga afetiva. Ou seja, os pacientes obsessivos se diferenciariam dos histéricos por carecerem da “aptidão para conversão”²².

Assim, o afeto separado da respectiva representação permanece livre até se conectar a outras representações. As ideias obsessivas são justamente as que tomam o lugar da representação sexual. Nelas, existe uma falsa ligação (*mésalliance*) entre o afeto anteriormente desligado e as novas representações, o que explicaria o teor absurdo do seu conteúdo.

Em outro artigo, Freud²³ acrescenta uma ideia nova a essa tese, compreendendo que a representação original pode ser substituída também por atos e impulsos, “medidas de alívio” ou “medidas protetoras”. Esse princípio de substituição da representação é o mesmo encontrado na formação de sintoma da fobia e está presente da formação dos sonhos e em algumas categorias de chiste, como a ironia e o *nonsense*. Esse é um mecanismo distinto da formação do sintoma histérico, que se apresenta como *rébus*, uma escrita pictográfica no corpo, que condensa representação e afeto. Nessa compreensão, os chistes privilegiados na histeria seriam os trocadilhos, os duplos sentidos e todo campo de linguagem formado pela técnica de condensação e metáforas.



Freud, no artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, levanta a hipótese de que a histeria seria originada através de uma experiência sexual passiva; já a neurose obsessiva teria como pano de fundo um evento ativo prazeroso. Ao equiparar o caráter ativo à neurose obsessiva e a passividade como a causa da histeria, em um artigo intitulado “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, Freud escreve: “essa diferença nas circunstâncias etiológicas está relacionada com o fato de a neurose obsessiva mostrar visível preferência pelo sexo masculino”²⁴.

Essa hipótese será abandonada mais tarde, mas marcou (e ainda marca) o imaginário em torno da neurose obsessiva. No entanto, Freud²⁵ já percebe que detrás da caracterologia obsessiva existem substratos de sintomas histéricos. Logo, a histeria seria uma “neurose de base”, já que a atividade sexual precoce implica uma experiência de sedução anterior/passividade. Nesse momento, Freud²⁶ ainda se encontra dentro do paradigma da *Teoria da Sedução*, que compreende as neuroses como resultantes da imposição da sexualidade adulta sobre a criança.

Em toda elaboração freudiana, a neurose obsessiva é vista como uma defesa falha diante da imoralidade. O conteúdo censurado não deixa de emergir na consciência, produzindo as autorrecriações, estabelecendo uma espécie de dívida moral no sujeito.

A presença da culpa e das medidas para expiá-la/expurgá-la, na neurose obsessiva, faz com que Freud²⁷ a compare ao dogma religioso. Ela seria uma espécie de herança cristã internalizada.

Freud abandona a tese de que a histeria estaria ligada à passividade, e a neurose obsessiva à atividade. Porém, esse abandono não é completo. Um resto dessa compreensão permanece como verdade

Esse ponto é bastante relevante, pois abre a possibilidade de as estruturas clínicas serem compreendidas como caricaturas, distorções ou desfigurações de produções sociais. Ao analisar essa associação, Freud, em “Totem e tabu”, afirma textualmente que a histeria é uma figura distorcida da arte; a neurose obsessiva, uma figura da religião; e a paranoia, da filosofia. Nesse estudo, Freud²⁸ pontua: “Se não estivesse habituado a descrever essas pessoas como pacientes obsessivos, verificaria que a ‘doença do tabu’ seria a expressão mais apropriada”.

Ao abandonar a *Teoria da Sedução*, propondo o papel fundamental da fantasia na etiologia das neuroses, Freud abandona a tese de que a histeria estaria ligada à passividade, e a neurose obsessiva à atividade. Porém, esse abandono não é completo. Um resto dessa compreensão permanece como verdade, visto que, na neurose obsessiva, verifica-se uma série de medidas protetoras diante de um gozo excessivo. Isto é, nesses analisandos, há uma espécie de hiperestesia sexual²⁹, uma convicção de terem experimentado um intenso prazer proibido. Essa experiência, ao ser recalçada de maneira insuficiente, sempre ameaça o sujeito, não deixando alternativas a ele, a não ser ocupar uma posição passivo-fálica.

As experiências sexuais infantis são fundamentais para a compreensão da neurose. No caso

21 S. Freud, “O humor”, p. 280.

22 S. Freud, “As neuropsicoses de defesa”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VIII.

23 S. Freud, “Obsessões e fobias”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VIII.

24 S. Freud, “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII, p. 168.

25 S. Freud, *op. cit.*

26 S. Freud, *op. cit.*

27 S. Freud, “Ato obsessivos...”

28 S. Freud, “Totem e tabu”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X, p. 44.

29 M.A.C. Ribeiro, *Um certo tipo de mulher*, p. 52.



*segundo Freud, o obsessivo
regride à fase anal-sádica
da libido como uma defesa
ante à possibilidade
de emergência do desejo
sexual diante do prazer
desorganizador
por ele experimentado*

das obsessões, as experiências de satisfação anal possuem uma relevância especial. Nesses sujeitos, existe uma fixação na fase de desenvolvimento libidinal, em que a criança começa a ter de lidar com as demandas de controle sobre seu próprio corpo.

Dor³⁰ afirma que o obsessivo faz uma reversão da demanda do Outro; enquanto o histérico espera um dom, algo a lhe ser dado e reivindica, o obsessivo está preso à necessidade de produzir algo para o Outro. A relação ambígua com as fezes (reter e oferecer) é o protótipo da relação que o obsessivo terá com suas próprias produções e com os pedidos que recebe, fazendo-o viver um “inferno do dever”, o imperativo de ter que responder a todas as demandas, nem que para isso precise sacrificar seu corpo³¹. O Homem dos Ratos fica impossibilitado de se contrapor ao capitão cruel, obriga-se a pagar a taxa e a pagar com o próprio sofrimento pelo ódio (e atração) que sentiu pela autoridade.

Nesse ponto, é importante frisar que, segundo Freud³², o obsessivo regride à fase anal-sádica da libido como uma defesa ante à possibilidade de emergência do desejo sexual diante do prazer desorganizador por ele experimentado. As ideias obsessivas de Ernest são antecedidas por uma cena em que ele escuta o capitão cruel relatar uma tortura, em que um

condenado é amarrado e sobre seu traseiro colocam um recipiente virado contendo ratos, que perfuram o ânus da pessoa, buscando saída. No momento em que Ernest relata a Freud³³ a cena, o paciente apresenta uma expressão facial “de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecia”. Aqui, fica evidente que se congrega tanto o erotismo anal quanto a regressão do desejo via formação reativa e excesso de controle ante o prazer desorganizador.

O ato de defecar constitui-se como a primeira oportunidade na qual a criança deve decidir-se entre uma atitude narcísica e uma de amor objetal. Nesse momento, os significados simbólicos de dar e recusar atribuídos à defecação são transformados por Freud na equação fezes = presente = dinheiro, na medida em que são objetos solicitados pelo Outro.

Lachaud³⁴ ressalta que a criança oferece tudo para a mãe, para que elas (a mãe e a criança) fiquem completas. A criança se instala em um dispositivo de suplência à satisfação do desejo materno. É justamente a fixação nessa pretensão fálica que margeia a organização obcecante do prazer. O obsessivo responde a todos os pedidos para não oferecer ao Outro a sua castração, ou seja, responde com a ambição de tudo controlar e tudo dominar.

Desse modo, o desejo enigmático do Outro é reduzido a um mero pedido. Ao evitar se interrogar sobre o desejo do Outro, o obsessivo foge da pergunta sobre o que ele próprio, como sujeito, deseja, e mantém o seu *status* fálico. Por isso, diferentemente do histérico, que sempre realiza uma estratégia de destituição, o obsessivo precisa que todas as autoridades permaneçam como tal até o fim³⁵.

O dialeto obsessivo, chiste e ironia

A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria.³⁶

Um dialeto é uma linguagem que existe simultaneamente à outra língua, mas que possui estrutura semântica, léxico e várias outras características próprias. É uma variante de uma língua territorial. Freud indica que a linguagem da histeria estaria mais próxima à linguagem do inconsciente, enquanto a neurose obsessiva seria uma transformação que carrega lastros dessa origem, estando mais próxima à linguagem consciente.

Na obra “O chiste e sua relação com o inconsciente”, Freud dedica-se a estudar o uso da linguagem. O *witz* (chiste/piadas e tiradas espirituosas) é uma forma de se colocar diante das palavras, fruto do trabalho com a linguagem e uma produção do inconsciente. Freud³⁷ percebe que não existe comunicação sem equívoco, ambiguidade e polissemia – sem esses elementos da língua, não há piada, nem inconsciente. Por isso, ele escreve, em carta a Fliess de 12 de junho de 1897, que todos os sonhos possuem um caráter engraçado, pois são formados pelos mesmos mecanismos que os chistes, os sintomas e atos falhos³⁸. O caráter distorcido e fragmentário dessas formações é uma espécie de brincadeira dos sentidos e das lógicas.

Freud³⁹ assinala que o prazer de uma piada tem duas causas: a sua *técnica de construção*, que é uma regressão ao pensar infantil e ao funcionamento do inconsciente (condensação e deslocamento); e a sua *proposta/objetivo*, que é a realização disfarçada de desejos reprimidos. Em tom de brincadeira, é possível dizer uma verdade censurada pelo tecido social.

30 J. Dor, *Estruturas clínicas*.

31 D. Lanchaud, *O inferno do dever: o discurso do obsessivo*.

32 S. Freud, “A predisposição à neurose obsessiva”, in *Obras completas*, vol. X.

33 S. Freud, “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X.

34 D. Lanchaud, *op. cit.*

35 D. Lanchaud, *op. cit.*

36 S. Freud, “Notas...”, p. 140.

37 S. Freud, “O chiste...”.

38 E. Jones, *A vida e a obra de Sigmund Freud*.

39 S. Freud, “O chiste...”.

40 S. Freud, *op. cit.*, p. 221.

41 S. Freud, *op. cit.*, p. 225.

42 S. Freud, *op. cit.*, p. 106.



a técnica de construção
do chiste permite que algo
se mostre sem que o sujeito
precise pagar o preço da
culpa ou dos sintomas.
Conforme Freud, “o chiste
é, assim, um malandro dúplice,
que serve a dois senhores
ao mesmo tempo”

A técnica de construção do chiste permite que algo se mostre sem que o sujeito precise pagar o preço da culpa ou dos sintomas. Conforme Freud, “o chiste é, assim, um malandro dúplice, que serve a dois senhores ao mesmo tempo”⁴⁰, pois atende tanto ao decoro social quanto ao inconsciente do sujeito. Por esse motivo é “a mais social de todas as funções psíquicas que visam ao ganho de prazer”⁴¹. Ao discutir as técnicas de construção dos chistes, Freud distingue pelo menos onze subcategorias e, embora não tenha tratado sistematicamente a ironia, caracteriza-a como uma técnica da representação pelo oposto.

Nesse trabalho analítico de distinções, a ironia não é entendida como um chiste, embora haja chistes irônicos. Ao comentar uma tirada mordaz, ele propõe:

Mas isso se chama ironia, e não chiste. A técnica própria da ironia é justamente a *reversão pelo oposto*. Aliás, é comum ouvirmos falar de *chistes irônicos*. Não se deve mais duvidar, portanto, de que a técnica por si só não é suficiente para caracterizar um chiste.⁴²

O requisito freudiano para que algo seja um *witz* é ser uma produção do inconsciente. Ele é uma transmissão inconsciente via linguagem, que se faz sem o controle racional. Já na última parte do trabalho sobre os chistes, Freud esclarece essa



*a ironia possibilita
compreender a enigmática
pontuação freudiana no caso clínico
do Homem dos Ratos.
Por meio dela, Ernest conseguiria
expressar e se apropriar
de sua própria destrutividade
ao mesmo tempo que questionaria
a autoridade paterna*

pequena passagem sobre a ironia da seguinte maneira:

[...] ironia, que se aproxima bastante do chiste e é contada entre os subgrupos da comicidade. Sua natureza consiste em enunciar o oposto do que se quer comunicar ao outro, mas poupando-lhe a contradição ao lhe dar a entender – pelo tom de voz, por gestos auxiliares, por pequenos sinais estilísticos [...]. A ironia só é utilizável quando o outro está preparado para ouvir o oposto, de modo que não lhe falte a inclinação a contradizer. Em virtude dessa condição, a ironia corre facilmente o risco de não ser entendida. Para a pessoa que a emprega, ela tem a vantagem de permitir contornar facilmente as dificuldades das expressões diretas.⁴³

Para Freud, a ironia é uma subcategoria do cômico. Mas pode-se supor que, quando ela “solicita o inconsciente”, sendo utilizada para a expressão de impulsos hostis inconscientes, torna-se um dialeto dos chistes. Nessa situação, ela também se aproxima do humor em sua face trágica, principalmente, do humor negro.

A ironia, sendo tomada como um dialeto dos chistes, possibilita compreender a enigmática pontuação freudiana no caso clínico do Homem dos Ratos. Por meio dela, Ernest conseguiria expressar e se apropriar de sua própria destrutividade ao mesmo tempo que questionaria a

autoridade paterna. Por ter mais afinidade com a linguagem consciente e trabalhar justamente com o paradoxo, a ironia exprime um ataque sem acionar a censura psíquica e, logo, sem ferir a moral instituída.

Nos exemplos do criminoso conduzido à força e da situação de Freud com a Gestapo, a ironia de uma vez só realiza uma crítica a alguma vaidade própria e incita um processo que vai ao encontro de vínculos menos autoritários, na medida em que o sujeito não fica anulado diante das relações impostas. O ato de denunciar algo ou alguém pela ironia leva o sujeito a expressar sua agressividade sem impor diretamente seu juízo como verdadeiro ao outro. Ela incita um deslizamento entre níveis semânticos contrários, ou com duplicidade de sentidos, como entre o real e a aparência da realidade, ou aquilo que se constata e o que deveria ser, ou entre explícito e implícito⁴⁴, podendo inverter, duplicar ou indeterminar o sinal da mensagem entre emissor e receptor no campo da linguagem.

Nesse sentido, ela se aproxima do efeito promovido pelos chistes por deslocamento, com a mudança da ênfase psíquica. A ironia, portanto, promove o deslocamento de significantes, apresentando a potência de uma retificação subjetiva.

De acordo com Freud, “As palavras são um material plástico com que se pode fazer de tudo”⁴⁵; por meio delas e, principalmente, da técnica de reversão pelo oposto, é possível subverter a lógica da demanda e do dever, bem como desfazer as imagens santificadas de si e do Outro. A ironia “autoriza” a manifestação da agressividade e, assim, pode deslocar o obsessivo de sua retórica anal de reatividade, marcada pelo medo ante a própria destrutividade, para uma retórica anal criativa.

Toda invenção necessita de uma cota de destrutividade. Por isso, a ironia pode ser um recurso interessante na clínica da neurose obsessiva, por ter a potência de produzir um encontro lúdico entre analista e analisando, em que ocorra a estetização da destrutividade e da ambivalência. Foi a própria neurose obsessiva que levou Freud⁴⁶ a

se questionar sobre seu método interpretativo, pois nela “saber não é a mesma coisa que saber⁴⁷”.

O apego obsessivo à lógica racional pode fazer o obsessivo transformar a sua análise em uma interminável racionalização. As construções da análise podem ser usadas para encobrir a própria castração, para as falhas do saber. Assim, a ironia se mostra como um recurso que pode furar a lógica da totalidade. Todavia, é preciso lembrar que há vários usos da ironia e que ela desliza facilmente para o campo do escárnio e da agressão direta.

Ainda é preciso frisar a pontuação freudiana de que o ouvinte precisa estar preparado para ouvir o *conteúdo oposto* e que a ironia corre o imenso risco de não ser compreendida. De todo modo, a ironia mostra-se como um campo fértil para a pesquisa dentro da clínica da neurose obsessiva e seria preciso investigar, de forma mais minuciosa, a sua relação com a dinâmica do supereu, o que não foi possível fazer neste trabalho. Afinal, como analisa Gerez-Ambertín, o supereu é “o avesso do desejo”⁴⁸.

No presente trabalho buscou-se construir substratos teóricos para a compreensão mais apurada do “temor da queda” no obsessivo, que o leva a resistir à associação livre, logo, ao inconsciente.

»»

*no presente trabalho
buscou-se construir substratos
teóricos para a compreensão
mais apurada do “temor da
queda” no obsessivo,
que o leva a resistir
à associação livre, logo,
ao inconsciente*

Iannini e Tavares⁴⁹ lembram que, ao falar da regra fundamental da psicanálise, Freud emprega o verbo *ainfallen*, derivado de *fallen*, “cair”, para se referir àquilo que vem à tona, que não mais é retido. Os resultados dessas associações são *Ein-fälle*: “aquilo que ocorre”, numa palavra, “ocorrências”. Para que a associação livre ocorra, é preciso (se) deixar cair. Como fazer o obsessivo deixar cair sua imagem e idealizações? Como fazê-lo cair em si? Como fazer da queda um belo e engraçado tropeço?

43 S. Freud, *op. cit.*, p. 248-249.

44 H. Bergson, *O riso: ensaio sobre o significado cômico*.

45 S. Freud, “O chiste...”, p. 52.

46 S. Freud, “Notas...”.

47 Freud, em nota de rodapé do caso clínico do Homem dos Ratos, realiza essa distinção, afirmando que o paciente sabe, mas não sabe sobre o conteúdo de seus traumas. Ele os sabe, pois não esqueceu, e não sabe, visto que ignora sua significação.

48 M. Gerez-Ambertín, *As vozes do Supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*, p. 13.

49 G. Iannini; P.H. Tavares, “Apresentação”, in S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica*.

Referências bibliográficas

- Bergson H. (2018). *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. São Paulo: Edipro.
- Cunha A.G. (1999). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Lexikon.
- Dor J. (1993). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus.
- Douglas M. (2014). *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud S. (1894/1996). As neuropsicoses de defesa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1895/1996). Obsessões e fobias. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1896a/1996). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1896b/1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1895/2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. *Obras completas*, vol. VII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1906[1905]/1996). Personagens psicopáticos no palco. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1907/2015). Ato obsessivo e práticas religiosas. *Obras completas*, vol. VIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1909/1996). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913a/1996). Totem e tabu. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913b/2010). A predisposição à neurose obsessiva. *Obras completas*, vol. X. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1908/2015). Caráter e erotismo anal. *Obras completas*, vol. VIII. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1917/2010). Sobre a transformação dos instintos em particular no erotismo anal. *Obras completas*, vol. XIV. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- _____. (1927/2015). O humor. *Arte, literatura e os artistas*, col. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gay P. (1989). Freud. *Uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gerez-Ambertin M. (2009). *As vozes do Supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Cia. Freud.
- Iannini G.; Tavares P.H. (2017). Apresentação. In Freud S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Jones E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- Lanchaud D. (2007). *O inferno do dever: o discurso do obsessivo*. Rio de Janeiro: Cia Freud.
- Mahony P.J. (1991). *Freud e o Homem dos Ratos*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro M.A.C. (2011). *Um certo tipo de mulher*. São Paulo: 7 letras.

Some relations between obsessional neuroses and irony

Abstract This research investigates the relationship between irony and obsessional neurosis, conducting a review of Freudian theory on these topics and highlighting several consonance points between them. Irony is a paradoxical and socially accepted way of giving passage to sexual and aggressive desires, which may be a privileged figure of speech for the clinical management of what is called “taboo disease”.

Keywords irony; obsessive neurosis; aggressiveness; laugh; humor.

Texto recebido: 12/2023

Aprovado: 02/2024